

Festival Rocky de Terror [The Rocky Horror Picture Show] de Jim Sharman, 1975
CINE CLUBE, 16 de Outubro de 2012
BIBLIOTECA, FCT/UNL

PORTAIS SOBRE O FILME

- <http://www.rockyhorror.com/> (Portal oficial)
- http://www.rockyhorror.com/history/interviews_jimsharman.php (entrevista ao realizador, patente no portal oficial)
- <http://www.rockyhorror.com/history/timeline.php> (Rocky Horror Timeline, patente no portal oficial)
- <http://www.imdb.com/title/tt0073629/>
- <http://www.imdb.com/title/tt0073629/mediaindex> (imagens do filme, patentes no IMDB)
- http://en.wikipedia.org/wiki/The_Rocky_Horror_Picture_Show
- http://pt.wikipedia.org/wiki/The_Rocky_Horror_Picture_Show

BIBLIOGRAFIA IMPRESSA

- Hallenbeck, Bruce (2009). *Comedy-Horror Films*. Jefferson: McFarland. [ISBN 978-0-7864-3332-2](#).
- Harpole, Charles (1990). *History of the American Cinema*. New York: Scribner. [ISBN 978-0-684-80463-7](#).
- Henkin, Bill (1979). *The Rocky Horror Picture Show Book*. New York: Hawthorn Books. [ISBN 978-0-8015-6436-9](#).
- Leitch, Thomas (2002). *Crime Films*. Cambridge: Cambridge University Press. [ISBN 978-0-521-64671-0](#).
- Piro, Sal; Hess, Michael (1991). *The Official Rocky Horror Picture Show Audience Participation Guide*. London: Stabur Press. [ISBN 0-941613-16-X](#).
- Samuels, Stuart (1983). *Midnight Movies*. New York: Collier Books. [ISBN 0-02-081450-X](#).
- Sandys, Jon (2007). *Movie Mistakes Take 5*. London: Virgin Books. [ISBN 978-0-7535-1113-8](#).

“Era uma vez, num castelo, muito longe daqui, uns visitantes do planeta Transsexual da galáxia Transilvânia...”

Uma breve nota introdutória sobre o filme de Christopher Damien Aurette

De um género jubilarmente híbrido, i.e., entre o terror e o orgiástico, entre o inocente e o carnavalesco, entre a ficção científica (o personagem “Dr. Frank-N-Furter” não será uma versão muito lúdico do “Dr. Frankenstein”, personagem criado pela autora Mary Shelley no seu romance *Frankenstein, ou o Prometeu moderno* de 1818?) e uma espécie de Place Pigalle extraterrestre, este filme de 1975, baseado, por sua vez, num musical criado para o palco (Royal Court Theatre, Kings Road, Londres) em 1973 pelo britânico Richard O’Brien (quem compôs as líricas, bem como o livro na base do musical, chegando a colaborar igualmente na escrita do guião para o filme posterior de Sharman), este filme, ao que parece, *nunca dorme*. Quer dizer: nunca deixou de se exhibir numa sala de cinema algures no mundo desde a sua muito modesta estreia em 1975. *Nunca dorme* por ainda uma outra razão: este filme encontrou o seu sucesso comercial, i.e., encontrou os seus espectadores maniacamente fiéis ao transformar-se – sendo inicialmente pouco visto nas salas de cinema durante os horários “nobres” da exibição habitual dos filmes, e sendo de feição “low-budget”, propositadamente de série B – num filme de culto, num fenómeno cultural, numa memória cinematográfica estrondosamente singular e, por último,

numa obra “culturally, historically, or aesthetically significant” digna de integrar *The United States Film Registry*, sob a égide da *Library of Congress, Washington, D.C.* Tornou-se de facto uma presença incontornável e contínua no “midnight movie market”. (Os caminhos do cinema, como os de Deus, ou dos deuses, são, pelos vistos, insondáveis.) Este cinema do “midnight movie market”, exhibe-se, portanto, desde há trinta e cinco anos, a partir da meia-noite, em salas de cinema selectas pelo mundo fora: a uma hora sem dúvida das mais indicadas por se tratar de *um filme das fronteiras* (bem como um filme *sem fronteiras*) – hora privilegiada para todos os rituais de mascaramento e de desmascaramento, apanágio dos tempos de carnaval –, hora a que enfrentamos as fronteiras que nos aterrorizam mas que atravessamos à mesma, com todas as consequências imagináveis, ou não, para os inocentes e os malévolos, os temerosos e os curiosos, os libertinos e os verdadeiros libertários do espírito e da carne. Fique, portanto – oh público sentado diante do ecrã hoje – avisado...

Resta-nos aqui assinalar, nesta breve nota introdutória, um certo contexto social e sexual (desses anos transactos em que se situa o filme em exibição hoje) que se reflecte no filme, de modo a ficar no ar, ou no interior das nossas reflexões a respeito do filme, uma seriedade que o aspecto sexualmente carnavalesco pode facilmente ofuscar. Nada melhor do que citar o grande Poeta português, Jorge de Sena (1919-1978), igualmente dramaturgo, tradutor, professor, romancista, contista e ilustríssimo crítico pessoano e camoniano (entre muitas outras figuras da cultura portuguesa que Sena libertou da incompreensão ou do olvido, ou pior, da perspectiva pacatamente provinciana comumente aceite) em relação às obras literárias e artísticas perante as questões da liberdade sexual e da censura. Nas suas respostas a um inquérito publicado na sua obra, *Dialécticas teóricas da literatura* (Lisboa: Edições 70, 1977), sob o título “Resposta a um inquérito sobre pornografia” (datando o inquérito em questão de 1976), Sena responde da seguinte maneira em resposta a uma pergunta sobre o aspecto pretensamente aberrante (leia-se, sexualmente perverso) lançada pelo autor do inquérito: “Que se entende por «aberrantes»? É da psicologia contemporânea, e nem sequer é necessário recorrer ao freudismo para tal, o saber-se que, na vida sexual, dentro de certos limites, a fronteira entre o «normal» e o «aberrante» é extremamente vaga e ténue, e que, psico-sexualmente, as pessoas são muito mais complicadas (ou mais simples, se quisermos) do que se pensa. Que é «aberrante»? As práticas e variações heterossexuais que não sejam o coito oficial? A homossexualidade masculina ou feminina?” (p. 280). A seguir conclui que uma comunidade humana deveras livre passa pelo pleno assumir dos direitos da pessoa humana a uma sexualidade responsável e ao mesmo tempo vivida sem censura, fora do alcance condenatório dos moralistas e dos puritanos, fora do alcance de governos hipocritamente puros como o dos anos de Salazar, bem como, por sinal, da visão obsessivamente puritana de uma boa parcela da sociedade americana. Como ele afirma no final do inquérito, a verdadeira agressão contra a pessoa humana não se encontra na expressão responsável e livre dessa liberdade sexual mas, antes, a “de ter crescido e vivido por décadas no Portugal de Salazar, que foi a quinta-essência de repressividade e da hipocrisia puritanas, ainda por cima ao nível da mais rasteira mesquinês provinciana” (*Dialécticas teóricas da literatura*, p. 289). Eis neste filme uma obra que reflecte, à sua maneira, uma revolução ao nível das condutas sexuais de uma América profundamente puritana (que o Poeta Jorge de Sena aborda magistralmente numa obra poética intitulada *Sobre esta praia, oito meditações à beira do Pacífico*, publicada em 1977) – tratando-se a praia do título da costa californiana que ele bem conhecia – *uma revolução que conduz à descoberta e à celebração – entre o terror e o carnavalesco, entre as catarses do horror e os mistérios extraterrestres – de uma verdade bem doméstica que, afinal, o terrestre e o extraterrestre provêm da mesma condição humana e dos seus condicionalismos públicos e privados; uma revolução e uma verdade que revelam uma sexualidade não para uso exclusivamente reprodutivo, i.e., um Eros jubilatório e polimorfo.*

